Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo
Data: 05/01/2020
Seção: Internacional
Autor: THE WASHINGTON POST
Título: À espera de vingança iraniana, EUA entram em alerta contra ciberataques

Multidão vela em Bagdá general Qassim Suleimani, morto em ataque americano, e exige vingança; especialistas acreditam que uma das formas mais prováveis de os iranianos causarem danos sérios é com ações cibernéticas, nas quais são considerados uma potência

Uma multidão acompanhou ontem em Bagdá, aos gritos de “morte aos EUA”, o caixão do general iraniano Qassim Suleimani, executado na sexta- feira por ordem do presidente americano, Donald Trump. Pedidos de vingança ressoaram no Irã, onde o comandante deve ser enterrado, e em outros países da região. Foguetes atingiram ontem a Zona Verde, região da embaixada americana e de outras sedes diplomáticas, sem deixar vítimas, mas especialistas temem que no curto prazo a revanche se materialize numa área em que o Irã é potência, a dos ciberataques. As tropas cibernéticas iranianas estão há muito tempo entre as mais capazes e agressivas do mundo – atrapalhando bancos, invadindo empresas de petróleo e até tentando assumir o controle de uma represa à distância –, dizem especialistas.

“Nesse momento, um ciberataque deve ser esperado”, disse Jon Bateman, ex-analista sobre as capacidades cibernéticas do Irã da Agência de Inteligência de Defesa e agora membro do think tank Carnegie Endowment for International Peace. O leque de possíveis táticas é amplo: os iranianos podem sobrecarregar sistemas computadorizados para atrapalhar operações comerciais, como fizeram com bancos americanos de 2011 a 2013. Podem também usar softwares para destruir dados, como supostamente fizeram em 2014 com o Las Vegas Sands Casino, cujo dono, firmemente pró-Israel, Sheldon Adelson, sugeriu aos EUA que jogassem bombas nucleares no Irã.

A gigante do petróleo Aramco, da arquirrival Arábia Saudita, teve destino similar em 2012, quando um ciberataque provavelmente vindo do Irã destruiu a memória de dezenas de milhares de computadores, incapacitando a produção de petróleo. Os esforços da empresa para se recuperar foram associados à elevação no preço de discos rígidos mundo afora. Hackers com laços com Teerã têm potencial para sequestrar maquinário pela internet. Em 2003, eles penetraram nos sistemas de controle de uma represa do Estado de Nova York. Podem também mirar alvos com sensibilidade política ou diplomática enquanto acumulam informações sofisticadas de operações pelo Facebook, Twitter e outras plataformas de mídias sociais.

Em outubro passado, a Microsoft acusou um grupo ligado ao governo do país de tentar identificar, atacar e violar contas de email pessoal associadas à campanha presidencial dos EUA, a membros do governo e a jornalistas. Embora os alvos mais atrativos possam estar em solo americano, pode ser mais fácil atingir alvos militares ou diplomáticos dos EUA no exterior ou de nações aliadas. O especialista em cibersegurança James Lewis recentemente compilou uma lista de ataques suspeitos de terem sido feitos por iranianos e ficou surpreso por achar 14 só no ano passado. A lista incluía ações direcionadas à campanha de Trump, sistemas de telecomunicações no Iraque, Paquistão e Tajiquistão e invasões nas contas de funcionários de empresas que fabricam e operam sistemas de controle industrial.

Os iranianos também são suspeitos de usar o LinkedIn para atingir usuários subordinados a governos do Oriente Médio e trabalhadores dos setores financeiro e de energia. Pistas. Especialistas que rastreavam desinformação online disseram na sexta-feira ter visto sinais precoces de contas se movendo para enviar mensagens simpáticas ao governo iraniano. Enquanto isso, reivindicações aparentemente falsas de autoria de um ataque aéreo na base de Ain Al-Asad, que hospeda forças dos EUA no oeste do Iraque, estavam se espalhando nos meios de comunicação iranianos, assim como em serviços como Twitter e Telegram. “Essa é uma nova era”, disse Ali Soufan, ex-agente do FBI que presidiu o subcomitê de influência estrangeira do conselho consultivo do Departamento de Segurança Interna.

A capacidade cibernética do Irã está abaixo da Rússia e da China. Mas ela avançou significativamente desde 2010, ano da descoberta de uma operação americana-israelense que instalou um software malicioso conhecido como Stuxnet, que destruiu centrífugas cruciais para as ambições nucleares do Irã. Desde então, funcionários culpam o Irã por ciberataques a “dezenas de redes do governo saudita e do setor privado no fim de 2016 e começo de 2017”. “O foco agora tende a ser infraestrutura central de petróleo e gás no Oriente Médio, e talvez de outros lugares”, disse o diretor de análises de inteligência de cibersegurança da companhia FireEye, John Hultquist.

Nos últimos dois anos, o Facebook anunciou seis grandes quedas de site relacionadas ao Irã, envolvendo mais de 1.800 contas, páginas e grupos em sua página e no Instagram, atingindo 5 milhões de usuários em todo o mundo. Enquanto isso, o Twitter derrubou milhares de contas vinculadas ao Irã que violaram suas regras. O governo americano tem um punhado de opções para lidar com a ameaça. Isso inclui rastrear e interceptar operações cibernéticas enquanto elas estão se desenvolvendo. Outra necessidade é compartilhar informações com o setor privado, um alvo potencial das novas ações. /

VEÍCULO: Folha de S. Paulo
Data: 05/01/2020
Seção: Colunas
Autor: Joana Cunha
Título: Luz

PAINEL S.A

Em consulta pública da Aneel, o Ministério da Economia deu parecer favorável à redução dos benefícios para os consumidores que geram sua própria energia

solar. O órgão deu aval ao cenário de maior taxação ao setor, argumentando que as regras atuais sobrecarregam quem não usa painéis solares.

Sol

A agência vai renovar a resolução. Segundo a regra atual, toda a energia gerada pelo consumidor e injetada na rede elétrica devolve a ele créditos equivalentes. Se a sugestão do governo for escolhida, essa devolução cairá para 40%. A taxa é uma forma de compensar as distribuidoras pelo uso da infraestrutura.

Calor

Segundo o parecer do ministério, a mudança não vai inviabilizar o desenvolvimento da geração de energia solar porque o retorno do investimento nos painéis continuaria vantajoso. Ainda segundo o órgão, as baterias estão ficando cada vez mais baratas e podem ser uma alternativa ao uso da rede elétrica.

com Paula Soprana, Filipe Oliveira e Mariana Grazini

VEÍCULO: O Globo
Data: 05/01/2020
Seção: Colunas
Autor: Míriam Leitão
Título: O magro programa de privatização

O programa de privatização do governo Bolsonaro começou de forma tímida. O que foi vendido até agora está na categoria de desinvestimento das estatais, como a venda da TAG pela Petrobras, ou então foram concessões. O pouco que foi feito estava preparado pelo governo Temer. Houve operação que estava até com data marcada. O que andou no governo Bolsonaro, em áreas como a infraestrutura, foi porque houve continuidade de decisões tomadas no governo anterior, avaliam técnicos que acompanham o setor por dentro e por fora do governo.

O secretário de desestatização Salim Mattar disse ao “Valor” que o programa vai acelerar e que podem ser vendidas 120 empresas ou 300 se incluir a Eletrobras e suas subsidiárias. O governo Bolsonaro não conseguiu vender a Eletrobras apesar de o governo Temer ter deixado o modelo pronto e ter conseguido resolver o problema das seis subsidiárias que eram muito deficitárias.

A Petrobras estava desde as administrações de Pedro Parente e Ivan Monteiro num programa de venda de ativos, para diminuir o endividamento, e fechamento de unidades que geravam prejuízo. Isso teve continuidade na administração de Roberto Castello Branco.

— Um movimento positivo foi a redução da Petrobras no conjunto de atividades que ela atuava. A venda dos gasodutos ocorreu porque são mais fáceis de acontecer. A Petrobras é empresa de capital aberto, tem mais facilidade de contratar consultores, por isso vendeu a TAG e as ações da BR Distribuidora — disse Fernando Marcato, sócio da Go Associados.

A venda da Eletrobras ainda depende de autorização do Congresso. Mas não andou no governo Bolsonaro, a tal ponto que havia sido colocada no Orçamento uma receita de R$ 12 bilhões com a venda e foi necessário contingenciar. Agora, na equipe econômica já se diz que se os sinais continuarem conflitantes no Congresso — na Câmara haveria apoio, mas no Senado, não — será preciso deixar para 2021 e novo contingenciamento será feito. O que depende do governo para essa venda também tem sido feito muito lentamente. Só agora foi editada a regulamentação de estudos. Será preciso separar transmissão, geração e distribuição. Especialistas em privatização têm ficado cada vez mais céticos em relação a essa venda.

— Politicamente o governo não parece ter bancado, falta um sinal político. Em São Paulo, a Cesp só foi vendida porque o governador bancou. No mais, esse número de 300 empresas é balela, o que importa mesmo são quatro ou cinco — diz Marcato. As vendas de participações nas mãos do BNDES também não podem ser chamadas de privatização. É administração de carteira. Se o governo não quiser mais ter uma carteira de participações, a BNDESpar, bastará vender as ações. Como o Ibovespa subiu, pode ser um bom momento, mas dependendo da maneira que for feita vai derrubar as cotações.

As grandes empresas não serão vendidas, como Banco do Brasil, Caixa, Petrobras. Correios foram uma das poucas inclusões no PPI. Mas o governo já se deu conta que é bem mais complicado do que se pensava,
por ser a única empresa no Brasil que está no país todo com serviço de entregas. Se houver privatização, terá que ser precedida de uma regulação que não será fácil fazer.

O governo Temer organizou o Programa de Privatização e Investimento (PPI). O setor de infraestrutura é todo pulverizado em ministérios e agências diferentes e por isso foi importante o PPI, admitem técnicos de dentro e de fora do governo. Isso deu mais segurança para leilões como o de transmissão de energia elétrica. No governo Bolsonaro, o PPI teve mais foco em concessões, que já estavam preparadas. Depois perdeu o foco.

Na parte dos aeroportos foi entregue tudo o que estava programado desde o governo Temer. Os blocos leiloados em março do ano passado já estavam programados. Até o dia do leilão estava lá: 15 de março. Havia uma série de ações agendadas, e o governo seguiu.

Na privatização, como em vários outros itens da chamada agenda liberal, este governo tem mais discurso do que atos. E mesmo quando acontece, como no caso das subsidiárias da Petrobras, falta visão estratégica. A estatal quer sair de todas as áreas para focar em produção de óleo e gás. As empresas de petróleo no mundo fazem diferente: querem ser empresas de energia e por isso aumentam o investimento em fontes não fósseis como as de energia renovável, que são o futuro.

VEÍCULO: O Globo
Data: 05/01/2020
Seção: Colunas
Autor: Lauro Jardim
Título: R$ 14 bilhões

A Petrobras pretende vender o que resta de sua participação na BR Distribuidora ainda neste primeiro trimestre.

Esse “o que resta” é coisa à beça: 37,5% da empresa recém-privatizada. Isso dá uma fatia de quase R$ 14 bilhões.

MME / ASCOM .